



O preconceito contra gays ainda é comum. Saiba o que ele causa e ajude a acabar, de uma vez, com isso

Texto Nathália Pinheiro **Edição:** Isabela Noronha (inoronha@abril.com.br) **Design:** Eduardo Bessa **Foto:** Daigo Oliva **Produção:** Fernanda Milani **Beleza:** Amazon Rai

VOCÊ COM CERTEZA OUVIU FALAR DE DUAS histórias tristes que rolaram no mês passado: um garoto de 19 anos foi baleado no Rio de Janeiro após participar de uma parada gay e, em São Paulo, quatro jovens foram agredidos por cinco garotos na avenida mais famosa da cidade, a Paulista. O motivo? “Um segurança que viu tudo perguntou por que eles fizeram aquilo e eles disseram: ‘Porque eles são bichas’”, conta Luís, um dos agredidos. Atitudes como essas, de preconceito contra homossexuais, têm um nome: homofobia. E elas não precisam chegar ao extremo das agressões físicas para causar sequelas. Comentários maldosos ou xingamentos podem marcar, para sempre, uma pessoa. Algo tão ruim deveria ser raro, mas não é: 94%* das garotas disseram já ter presenciado um episódio de homofobia. Aqui, você conhece as histórias de três delas. Saiba o que fazer se isso acontecer perto de você.

Por que homofobia é inaceitável?

Porque qualquer tipo de preconceito é uma ignorância e uma violência. Não dá para julgar uma pessoa por sua etnia, condição social, origem ou orientação sexual – essas características não definem o caráter de ninguém! Além disso, a homofobia pode ter consequências sérias para quem sofre com ela. É comum um garoto ou garota que passem por isso se sentirem constantemente rejeitados, como se não se encaixassem em lugar nenhum. Dependendo da intensidade do preconceito, a pessoa pode ter depressão e até tentar o suicídio.

Homofobia é bullying?

O *bullying* são agressões físicas ou por meio de palavras que rolam com frequência contra uma pessoa. Então, quando a homofobia acontece todo dia, ou várias vezes na semana, contra um mesmo garoto ou garota, é *bullying*, sim! Nesse caso, essas agressões podem ser punidas pela escola, com advertências e suspensões, e até pela Justiça, com multas ou trabalhos voluntários.

O que rola com quem faz?

No Brasil, a homofobia ainda não é tratada como crime. Então, a princípio, quem pratica esse tipo de preconceito não é punido legalmente. Acontece que, na maioria das vezes, a homofobia é o motivo de outros crimes, como lesão corporal (uma violência física, como a que rolou na Paulista) ou calúnia (espalhar mentiras sobre alguém). A boa notícia é que já está no Congresso Nacional, esperando a aprovação, um projeto de lei que quer criminalizar a homofobia. O principal argumento dele é: homofobia é equivalente ao racismo (que já é proibido no Brasil) e, por isso, deve ser punida da mesma forma.

Tem como denunciar?

Como ainda não há uma lei que proíba a homofobia, não é possível fazer uma denúncia formal contra seus autores. Mas, no estado do Rio de Janeiro, há o Disque Homofobia (0800-2820802), que dá orientações sobre o que fazer se a pessoa presenciar ou sofrer esse preconceito.

Tenho um amigo (ou amiga) que sofre homofobia. Como ajudar?

Não o deixe sozinho! Mostre-se aberta a conversar, mas respeite se ele não quiser se abrir. Deixar claro o seu apoio já será suficiente para esse garoto (ou garota) se sentir mais forte. Caso ele decida falar com você, lembre-o de que não é errado gostar de alguém do mesmo sexo. Errado é ter preconceito! Prova disso é que cada vez mais gente legal se manifesta contra a homofobia. O presidente americano, Barack Obama, e a popstar Madonna, por exemplo, já deram a sua opinião. Desde setembro, rola nos EUA o projeto It Gets Better (itgetsbetterproject.com). No site, você encontra depoimentos de pessoas que sofreram ao se descobrir e assumir a própria homossexualidade. Eles garantem que, anos depois, estão muito felizes. No Brasil, ONGs como o Grupo Arco Íris (www.arco-iris.org.br) vão às escolas para incentivar o debate e o respeito aos gays.

O que fazer com os agressores?

Se forem colegas, converse com eles e peça que parem. Diga que a homofobia é uma atitude preconceituosa, que pode machucar muito a vítima. Eles não pararam? Então, leve o caso à direção da escola. Se achar que deve, peça ajuda a seus pais. Só não vale aceitar calada o que está rolando: assim, você pode acabar fortalecendo o preconceito.

Elas viram de perto

Bateram no meu amigo

"O G. nunca escondeu que é gay e, por isso, nunca o deixavam em paz. Xingamentos e comentários preconceituosos eram rotina na escola. Um dia, estava muito quente e ele subiu em uma cadeira para ligar o ventilador. Um menino da classe empurrou a cadeira para que ele caísse! Graças a Deus ele não se machucou. Mas, no terceiro colegial, a situação fugiu do controle. Deixei o G. sozinho por uns minutos e, quando voltei, ele estava no chão, todo machucado. Tinham batido nele! O pior é que o inspetor da escola viu tudo e não fez nada." P., 18 anos

Um colega não quis dar a mão para ele

"Os meninos da escola pegam no pé do meu amigo gay. Eles o perseguem e o chamam de apelidos como 'boiola' e 'veado'. Um garoto, especificamente, sempre começa a zoação. Uma vez, a gente estava fazendo um exercício na aula de teatro e a professora pediu que a gente desse as mãos. Esse garoto se recusou a dar a mão ao meu amigo. Fiquei chocada! Ele tenta levar numa boa, mas sei que isso o magoa." E.C., 15 anos

Meu amigo gay precisou ficar com meninas

"Meu amigo L. adora se vestir com roupas chamativas e é gay assumido. Isso incomoda muito as pessoas! Uma vez, uns amigos do irmão dele bateram nele por puro preconceito. Quando vamos a festas, é outro sofrimento! Chamam o L. de 'veado' e ameaçam bater nele. Por tabela, xingam a gente também! Na escola, todo mundo zoava e ele acabava isolado. Numa época, o L. não aguentou mais e passou a dizer que era hétero. Ele até ficou com umas meninas, mas, depois, parou, pois não conseguia sentir nada por elas." E.M., 16 anos

61%* **52%** **41%**

das meninas contaram para a gente que, quando viram a homofobia rolar, estavam na escola.

das meninas que presenciaram esse preconceito fizeram questão de dizer aos autores que achavam a atitude deles absurda.

confessam: não fizeram nada ao ouvir xingamentos ou comentários maldosos sobre garotas ou garotos gays.